



Informações cadastrais

- a) Identificação: **empresa**
- b) Nome: **Fazenda Bimini**
- c) Setor/Atividades: **Educação Ambiental Não Formal**
- d) Endereço: **Fazenda Bimini - Caixa Postal 75 CEP 86600-000 Rolândia - Paraná**
- e) Telefone geral: **(43) 3256 1794**
- f) Número de colaboradores: **02**
- g) Nome do responsável pela inscrição: **Daniel Steidle**
- h) E-mail do responsável pela inscrição: **bimini@uol.com.br**
- i) Telefone do responsável pela inscrição: **(43) 3256 1794**
- j) Nome do responsável pelo projeto: **Daniel Steidle**
- k) E-mail do responsável pelo projeto: **bimini@uol.com.br**
- l) Cargo do responsável pelo projeto: **Coordenador**

Informações sobre o projeto e gestão ambiental

- a) Categoria: **Educação Ambiental**
- b) Título: **"EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FAZENDA BIMINI - UMA DÉCADA DE PRÁTICA - 72 ANOS DE CHÃO"**
- c) Número de funcionários renumerados: **-----**
- d) Número de voluntários: **02 diretos**
- e) Quantas pessoas já foram beneficiadas: **desde 1997, cerca 3000 pessoas/ano**
- f) Parceiros: **não tem**
- g) Resumo do case: **Fazenda Bimini, antiga fazenda de café no Norte do Paraná, fundada em 1936 por pioneiros alemães, hoje é referencial em educação ambiental não formal. Anualmente cerca. 3 mil visitantes, desde 1997, visitam a propriedade atraídos pelos 3 arboretos em parceria com a Embrapa-Florestas, o projeto piloto de Reserva Legal em parceria com a UEL, remanescentes da era do café, casarão histórico (600 m²) de 1938 e espaços (galeria de arte, museu indígena, depósito 17 dos objetos desprezados, manjedoura etc). A partir desse cenário (cinematográfico - em 2009 foi rodado na fazenda o documentário sobre o fotógrafo Haruo Ohara) desenvolve-se um emocionante diálogo.**
- h) Descreva outras boas práticas adotadas: **Manutenção de patrimônio histórico; Incentivo ao "turismo educativo"; Apoio a trabalhos acadêmicos (graduação a doutorado em áreas como turismo, arquitetura, história, biologia); Promoção de reuniões periódicas para discussão de práticas de Educação Ambiental; Promoção de "Dias de Campo" para divulgação de resultados dos arboretos.**

Educação Ambiental na Fazenda Bimini

Uma década de prática



72 anos de chão

Daniel Steidle
Ruth Bárbara Steidle

Agosto de 2008

1. Introdução:

Realizar “idéias doidas”.

Uma década de práticas em Educação Ambiental na Fazenda Bimini, em Rolândia no Norte do Paraná, leva em 2008 a inovação de projetos. Assuntos como alimentação, solidariedade, percepção e valorização individual passam a ser centro de atenção.

Numa carta de 1936 constata-se, que a vontade de inovar, de realizar “idéias doidas” e o espírito de alegria e de luta são o início dos “72 anos de chão” na Bimini.

“... tem que ser discutido o que devemos fazer como fazer e se podemos fazer. E aí vem alguém correndo por ter seu camarada cortado o dedo fora – e lá vai Sardinha, (apelido da esposa do autor) cinco quilômetros a cavalo, com agulha e fio para acudir. Na volta ela traz um grande pedaço de pão que ganhou em troca do serviço prestado e novas idéias doidas que quer realizar imediatamente – isso dá muito trabalho”.

(Trecho da “Carta de Bimini, do dia 26 de Junho de 1936” de Hans Kirchheim.
Íntegra em anexo).

O manifesto “Vamos acordar!”, lançado em 2000, como reação à decisão da transferência do lixo urbano para a área rural, ressalta igualmente o espírito de luta e de alegria.

“Mesmo quando muitas vezes temos que enfrentar derrotas, é divertido e gostoso ter uma causa pela qual lutar! Reconheçam e enfrentem os problemas com coragem e alegria. A capacidade de cada um é importante. É ilimitado o que ainda podemos aprender. Vamos acordar!”.

(Trecho do manifesto: “Vamos acordar!” de Ruth Bárbara Steidle. Íntegra em anexo).

2. Desenvolvimento:

“72 anos do chão” onde cresce a Educação Ambiental na Bimini.

1936: Abertura da Fazenda Bimini na floresta virgem pelos imigrantes alemães, Hans e Hildegard Kirchheim.

1937 – 38 – 42: Nascimento dos filhos Eva, Ruth e João.

1938: Construção da sede, o casarão de peroba rosa.

Anos 40: Início da cultura do café, época áurea.

1962: Casamento de Ruth com Ferdinand Steidle na Alemanha.

1963: Lançamento do livro de Ferdinand “Wie Kinder gerne malen”. (Como as crianças gostam de pintar).

1963 – 65: Nascimento de Daniel e Manuel, filhos de Ruth e Ferdinand.

1968: Fundação da Escola Roland, em Rolândia, por Hans Kirchheim.

1974: Voltam ao Brasil, Ruth e seus dois filhos. Daniel se dedica informalmente às artes plásticas e Manuel às ciências exatas.

1975: Grande geada descapitaliza cafeicultores.

Anos 80: Decadência da cultura do café e princípio da cultura de grãos.

1992 – 93: Falecem Hildegard e Hans Kirchheim.

1993: Reestruturação da administração na fazenda.

1997: Instalação do 1º Arboreto (florestal) em parceria com a Embrapa - Florestas, sob orientação do pesquisador Paulo Ermani Ramalho Carvalho.

1997: Partindo da idéia de repartir conhecimento, Daniel e Ruth iniciam na fazenda o atendimento rotineiro de Educação Ambiental Não Formal.

1998: Transferência do lixo urbano para a zona rural, a dois quilômetros da Fazenda Bimini.

1998: Fundação da ONG Ambiental “Movimento Nossa Terra” (M.N.T.) por Daniel.

1999: Campanha de esclarecimento e debates sobre o tema “lixo” organizados pelo “M.N.T.”

1999: Lançamento pelo “M.N.T.” de projetos como: “Palmito Juçara”, “Conquiste uma planta”, “Safári Ecológico”, “Trilha dos pés vermelhos” e “Feira do meio ambiente”.

2000: Manifesto “Vamos acordar” de Ruth, divulgado em jornais e rádio. Início da publicação, na mídia local, de séries educativas elaboradas na fazenda, como: “Histórias da natureza”, “Vamos engrenar”, “Dica da semana”, “A mula Violeta”, “Sem tapa mula grata” e “Além da sala de aula”.

2000: 1º Seminário sobre Arboretos na fazenda em parceria com a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e o Instituto Ambiental do Paraná. Instalação do 2º Arboreto (botânico) junto com a Embrapa - Florestas.

2000: 1º lugar no Prêmio Paraná Ambiental na Categoria Educação Ambiental.

2001: 2º Seminário sobre Arboretos na fazenda em parceria com a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e o Instituto Ambiental do Paraná.

2002: Nascimento de Letícia, filha de Leila e Manuel e Endí, filho de Dora e Daniel.

2002: Lançamento na fazenda dos projetos: “Tucano de Bico Verde” e “loga na máquina de café”.

2003: No espaço da antiga máquina de café, inauguração de local para encontros e exposição fotográfica permanente “Janelas do passado – janela do futuro”. 3º Seminário sobre Arboretos na fazenda em parceria com a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e o Instituto Ambiental do Paraná.

2003: Início do projeto “Caminhando juntos”; encontro anual de fim de ano na fazenda com apresentação de temas pré-estabelecidos entre familiares, funcionários, vizinhos e amigos.

2004: Instalação do projeto piloto de Reserva Legal com fins econômicos, em parceria com a Universidade Estadual de Londrina (UEL).

2004: Nascimento de Erê, filho de Dora e Daniel.

2004: Daniel conclui mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento na UEL com a dissertação “Educação Ambiental com Arte”.

2005: 1º lugar no Prêmio Ambiental von Martius na Categoria Humanidade. Encontro de empresários, pesquisadores, extencionistas, cooperativas, ambientalistas e órgãos públicos para divulgação dos resultados verificados nos arboretos da Bimini.

2006: Encontro na fazenda com o tema “Arboreto Botânico de Rolândia: Silvicultura e usos”, ministrado pelo pesquisador Dr. Paulo Ernani Ramalho Carvalho.

2006: Adequação do “Barraco da pescaria” para ateliê de pintura.

2007: Instalação do 3º Arboreto em parceria com a Embrapa - Florestas.

2007: Inauguração dos espaços “Paiolzão”, “Trilha Erê para cegos” e do “Museu Indígena”.

2008: Ampliação dos projetos “Manjedoura”, “Movimento”, “Raízes”, “Paiolzão”, “Bem-Te-Vi”, “A voz do povo tem peso”, “Ouvir o peixe”, “Atenção arte!” e “Eu sou um rei”. Participação em Londrina no projeto: “Boas práticas ambientais” promovido pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Paraná.

3. Histórico:

Enfrentar com espírito familiar os desafios do mundo.

Em 1936 o comerciante de tecidos Hans e sua esposa Hildegard, doutora em medicina, encontraram e construíram no Brasil uma nova pátria. O lote de terra que os acolheu recebeu o nome “Fazenda Bimini”. Bimini, segundo o poema de Heinrich Heine, é o local onde brota a fonte da eterna juventude.

A transformação de europeus urbanos em lavradores brasileiros, a rápida mudança do ambiente e o desafio: “qual será nossa relação com o espaço transformado?”, fizeram surgir em 1997 o projeto de “Educação Ambiental Não Formal”. Um projeto voluntário, que atende em média 3000 visitantes ao ano, procura sempre novos caminhos que são longamente discutidos em família. O envolvimento de todos, da vovó aos netinhos, até mesmo dos que estão distantes, comprova a importância de uma proposta educativa em família, capaz de se amoldar sempre. Talvez seja essa a essência que tanto convence os visitantes. O espírito familiar para enfrentar os desafios do mundo.

4. Renovação de projetos em 2008:

Volta a assuntos básicos.

Dez anos de observação, pesquisa e prática com Educação Ambiental Não Formal levam à constatação que a forma habitual e formal de ensino pouca mudança efetiva traz ao comportamento ambiental. Portanto, passou-se a dar, de forma original, mais importância a assuntos fundamentais, como alimentação, socialização, percepção e valorização individual na renovação dos seguintes projetos:

4.1. Projeto “Manjedoura”

Experimentar na alimentação atitudes de confraternização, gratidão, responsabilidade e ação.

Construção abandonada, onde vacas eram ordenhadas, foi transformada em “refeitório”. Duas grandes mesas, que antigamente serviam para a catação do café, oferecem espaço para apreciar refeição em grupo. Escolas e outros visitantes são motivados a trazerem lanche coletivo, frutas e, como bebida, simplesmente água. Quando disponíveis são proporcionadas para degustação, curiosidades como o fruto da pupunha e o suco da juçara. Repartir a fatura pode significar a diminuição do desperdício. Verificar que gratidão não se restringe apenas a um “muito obrigado”, mas que exige também ação. No caso a ação é o cuidado adequado com os resíduos gerados. Ao lado da “Manjedoura” um local de compostagem e uma horta completam o cenário.

4.2. Projeto “Movimento”

Gastar energia e desenvolver a socialização com brincadeiras.

O terreirão de café perdeu sua velha função na propriedade e só raras vezes cumpre o antigo papel, quando vizinhos o pedem emprestado, dando em troca “aula” aos visitantes sobre sua experiência com o café. O local passou a ser principalmente lugar de brincadeiras; bicicleta, futebol e outros divertimentos. Atualmente quatro Rema-Remas de madeira (visitantes idosos da Europa os conhecem por “Holandês”.) completam o quadro. Os Rema-Remas exigem força nos braços e boa coordenação, mas fazem sucesso desde os pequeninhos até aos velhos. Além da alegria, o brincar dá excelente

oportunidade de desenvolver a socialização onde o se organizar e ceder lugar a outros é essencial.

4.3. Projeto “Raízes”

Encontrar na “grande família”, base para uma convivência harmônica.

A mais antiga tulha, em volta do terreirão, se transformou num local onde objetos e pinturas dos índios fazem lembrar nossas raízes. Reforça o assunto, a contemplação das raízes da imensa figueira, logo ao lado.

4.4. Projeto “Paiolzão”

Despertar o artista que se encontra dentro de cada um de nós.

A partir de um acervo de quadros resgatados do pai, é redescoberto alguém que um dia sonhou em ser artista reconhecido. O paiol de milho há muito tempo não cumpre mais sua tarefa original e hoje virou uma “galeria de arte”. No local, pode-se sentar em degraus de velhas tábuas de peroba, apreciar e discutir quadros, desenhos, gravuras e esculturas de pessoas “não famosas”.

4.5. Projeto “Bem Te Vi”

Reproduzir detalhes de uma perspectiva própria, dispondo-se a receber e fazer crítica.

Nesse projeto, uma seqüência do projeto Paiolzão, leves tripés de bambu sustentam placas de compensado (60 x 60 cm) recobertas de papel de embrulho, podendo ser levados a qualquer local. Como tinta, usa-se concentrado de suco de juçara. Os visitantes são motivados a tentar ver detalhes através de uma perspectiva própria. Desenvolve-se nesse projeto a capacidade de uma construção conjunta, pois, além da observação é estimulada a disposição de receber e fazer críticas.

4.6. Projeto “A voz do povo tem peso”

Incentivar o ouvir e o falar em público, reconhecendo a importância da manifestação individual e coletiva.

Um cubo de concreto, que a cidade de Rolândia recebeu da população no seu 65º aniversário, foi dispensado pela administração pública sob alegação de

falta de espaço. O cubo achou, na zona rural, um exílio e um novo cargo: Palco onde se pode treinar o falar e o ouvir.

4.7. Projeto “Ouvir O Peixe”

Colocar-se na situação de um peixe, de uma rocha mãe, de uma cobra...

A “incorporação” de elementos da natureza permite uma aproximação e compreensão que pode desenvolver perspectivas além das utilitárias.

4.8. Projeto “Atenção Arte!”

Provoca-se diálogo sobre assuntos atuais e polémicos através de obras de arte, utilizando “ferro velho” e uma dose de irreverência.

Uma moringa de barro cuspidor água, dez privadas descartadas conversando, uma ratoeira segurando a moeda de um real, um trançador enferrujado sustentando um cavaleiro de brinquedo. Em vez de 1000 palavras, constrói-se uma imagem.

4.9. Projeto “Eu sou um rei”

Imagina-se a força pessoal.

A adaptação de um texto do artista plástico e ambientalista austríaco Hundertwasser (1928 a 2000) serve como base de reflexão sobre o poder individual.

“Eu sou um rei. Eu mesmo coloquei a coroa na minha cabeça.

Eu sou rico. A riqueza corre atrás de mim.

É triste que não sejamos todos reis. Só precisaríamos nos auto-coroar e reconhecer a riqueza em volta, mas somos covardes demais!

Viver no vale de lamentadores ou no vale de reis abastados? No vale dos reis abastados não seria necessário ser um rei. Como cada um por natureza é criativo, pode tornar o lugar em que vive um paraíso, um reino. É, portanto desnecessário caminhar longe para alcançar o paraíso. O paraíso está onde estamos”.

Em outras culturas, como na indígena, oriental e africana, também encontramos a idéia do “Eu sou um rei”. O pensamento universal pode ajudar a oferecer respostas a questionamentos como: “Quem sou eu?”, “O que posso fazer?”.

5. Resultados:

Crescente interesse por Educação Ambiental Não Formal

A constante demanda por visitas na fazenda, por parte de creches, escolas de primeiro, segundo e terceiro grau, escolas técnicas, grupos de pós-graduação, escoteiros, idosos, agricultores, amigos e famílias indica um interesse crescente pela forma como o projeto trata o assunto “meio ambiente”.

Acontecimentos, aparentemente insignificantes, mostram um envolvimento genuíno, com potencial de mudança de comportamento. Por exemplo:

- Num supermercado lotado, uma criança solta a mão da avó e vem perguntar como resolvemos um problema discutido na fazenda há mais de um mês;
- Pessoa idosa, inicialmente muito cética, volta a visitar o projeto com amigos e parentes;
- Guarda-costas que acompanha um grupo “importante”, durante o passeio se descontraí e passa a partilhar suas origens e idéias;
- A professora que no início do projeto “Manjedoura” achava impossível convencer os pais dos alunos sobre a necessidade de mudança na alimentação, hoje sorri triunfante;
- Uma turma, composta de biólogos, geólogos, psicólogos, artistas e montanhistas, perde a panca e passa a brincar como crianças;
- Visitantes, das mais diversas crenças, sentem-se à vontade para compartilhar suas idéias;
- Empresas pedem, a partir das experiências vivenciadas na fazenda, palestras para seus funcionários;
- Vereadores e escola de município vizinho vêm visitar o projeto de compostagem da fazenda, com o intuito de implantar projeto semelhante;
- Um consultor turístico, após uma visita, disse: “o que mais me impressionou foi a falta de lixo, nem tem aqueles tamborzinhos coloridos tão em moda”;

- O comentário de professores que admiram o cachorro velho comendo abacate debaixo da árvore: “Se ele aprendeu comer fruta, porque nós não aprendemos?”;
- Diretora de uma escola da periferia, indagada se gostou da aula de educação ambiental dada a seus alunos, respondeu: “a educação ambiental até que foi legal, mas o que realmente valeu foi a atenção que vocês deram, o fato de vocês terem aberto a porta da casa... coisa que ninguém faz por essas crianças”.

6. Sustentabilidade e replicabilidade:

Redução da dívida para com o mundo que nos abriga.

O entusiasmo de enfrentar uma causa determina o investimento no projeto de Educação Ambiental na Fazenda Bimini. A Educação Ambiental, muitas vezes entendida apenas como adestradora, pode ter uma outra dimensão: A de despertar a noção da necessidade de reduzir a nossa dívida para com o mundo que nos abriga.

Qualquer pessoa pode ser um “Educador Ambiental”, independente de idade, formação, ambiente e condições econômicas. Todos têm a capacidade de fazer algo pelo mundo, por mais insignificante que possa parecer, e repartir suas idéias. O “voluntariado”, resultante da noção de agradecimento e generosidade, não visa aplauso ou dinheiro.

“... o verdadeiro ganho numa luta ambiental não vem do lado financeiro, vem da imensa satisfação de trabalhar com uma coisa generosa”.

Mário Mantovani

(Teresa Urban, “Missão (quase) impossível”, p.127).

Os possíveis custos econômicos que podem advir de uma Educação Ambiental Não Formal conseguem muito bem ser cobertos com uma economia e

redirecionamento de necessidades pessoais. Neste sentido procuramos passar aos visitantes na fazenda Bimini dicas como:

- Trabalhar em e como família.
- Reconhecer seu “paraíso local” e sua potencialidade pessoal.
- Repartir suas idéias com originalidade e a partir de experiência prática.
- Entender o assunto Educação Ambiental como parte do dia a dia.
- Localizar “material didático” gratuito através de uma vivência atenta.
- Descobrir que liberdade e respeito podem ser conquistados com os próprios meios.
- “Deixar de ser covarde”; a exposição de nossas limitações e a aceitação de crítica pode melhorar um diálogo.
- Reconhecer que a luta por uma causa pode muitas vezes conter mais valor do que a unanimidade do sucesso.
- Transformar idéias complexas em simples obras de arte.

7. Conclusão:

Ganhos significativos para a sociedade.

Podemos verificar ganhos significativos para a sociedade se contabilizarmos a economia causada ao sistema pelos benefícios de uma Educação Ambiental Não Formal.

É imensurável, porém o ganho ambiental e financeiro que pode decorrer de cidadãos felizes, responsáveis, que se alimentam bem, tem liberdade de movimento e expressão, orgulho de suas raízes e noção de seu poder.



Fazenda Bimini, Caixa Postal 75, 86600-000 Rolândia – Paraná

Tel.: (43) 3256 1794 E-mail: bimini@uol.com.br

(ao projeto impresso vem anexado: carta, manifesto e fotos.)